

As duas faces de Jano: uma análise das eleições majoritárias potiguares de 2022

Alan Daniel Freire de Lacerda* 

Resumo

Este trabalho investiga as duas eleições majoritárias que se deram no Rio Grande do Norte em 2022. O artigo procura explicar por que a disputa de governador apresentou baixa competição enquanto o pleito de Senado se revelou competitivo de modo inédito no estado. No modelo analítico empregado aqui, as estratégias adotadas pela governadora no cargo são a principal causa dos dois resultados, em vista de sua antecipação de como os outros atores reagiriam a seus movimentos. No afã de facilitar sua reeleição, a titular no cargo ocasionou transferência de competitividade para a outra disputa majoritária. O texto propõe igualmente um indicador de competitividade eleitoral a partir dos estudos clássicos sobre voto estratégico e sistemas eleitorais.

Palavras-chave: Rio Grande do Norte, eleições majoritárias, interação estratégica, competitividade eleitoral.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

The two faces of Janus: An analysis of the 2022 major elections in Rio Grande do Norte

Abstract

This paper investigates the two majoritarian elections that took place in Rio Grande do Norte in 2022. The article seeks to explain why the governor's race presented low competition while the Senate race proved to be competitive in an unprecedented way in the state. In the analytical model used, the strategies adopted by the incumbent governor are the main cause of both results, given her anticipation of how other actors would react to her moves. In her eagerness to facilitate her reelection, the governor in office caused a transfer of competitiveness to the other majoritarian race. The text also proposes an indicator of electoral competitiveness based on classic studies on strategic voting and electoral systems.

Keywords: Rio Grande do Norte, majoritarian elections, strategic interaction, electoral competitiveness.

Las dos caras de Jano: un análisis de las elecciones mayoritarias de Rio Grande do Norte de 2022

Resumen

El trabajo investiga las dos elecciones mayoritarias que tuvieron lugar en Rio Grande do Norte en 2022. El artículo busca explicar por qué la carrera por la gobernación mostró poca competencia, mientras que la elección del Senado resultó ser competitiva sin precedentes en el estado. En el modelo analítico utilizado aquí, las estrategias adoptadas por la gobernadora en ejercicio son la principal causa de los dos resultados, en vista de su anticipación sobre cómo reaccionarían otros actores ante sus movimientos. En su afán por facilitar su reelección, la titular en el cargo provocó una transferencia de competitividad a la otra disputa mayoritaria. El texto también propone un indicador de competitividad electoral basado en estudios clásicos sobre votación estratégica y sistemas electorales.

Palabras clave: Rio Grande do Norte, elecciones mayoritarias, interacción estratégica, competitividad electoral.

Introdução

Este artigo pretende explicar como decisões tomadas na disputa pelo cargo de governador podem ter afetado a corrida pela vaga senatorial em uma mesma eleição. Tomo para efeito de estudo a eleição de 2022 e as disputas de governador e senador do Rio Grande do Norte. Forneco uma explicação de por que o pleito de senador se tornou bem mais competitivo do que a peleja em torno do Executivo.

Sustento no artigo que as duas eleições – governador e senador – tiveram uma interação específica. No meu modelo analítico, houve transferência de competitividade de um pleito para outro, ou seja, de governo para senador. A fisionomia da segunda disputa é definida como um efeito colateral da primeira. Efetuo também uma breve comparação com as eleições uninominais anteriores de senador e mostro diferenças fundamentais entre os momentos.

Jano, constante no título deste artigo, era o deus romano das transições e novos começos, em geral representado por duas faces opostas uma à outra. O começo em tela é o primeiro momento do Partido dos Trabalhadores (PT) no governo estadual, e a transição foi aquela adequada para um discurso governista que se despe da retórica oposicionista anterior. De modo mais específico, a transição de Jano discutida aqui identifica uma face mais dinâmica e competitiva na corrida senatorial e outra face menos dinâmica e não competitiva na disputa de governador.

O texto se divide da seguinte forma. A primeira seção fará uma cronologia dos eventos mais relevantes e apresentará dois jogos em forma extensiva, com as preferências e movimentos dos principais jogadores em tela. A segunda seção tem caráter descritivo, mostrando como ficaram as principais chapas majoritárias e os discursos de campanha dos contendores relevantes após os jogos delineados na seção anterior. De modo similar, a terceira seção expõe e discute os resultados das duas disputas. As observações analíticas fundamentais sobre voto estratégico e competitividade eleitoral têm lugar na quarta seção, na qual retomo o tema de Jano na eleição em foco. Por fim, a conclusão apresenta comentários gerais e sugere vias de pesquisa.

A cronologia e o jogo

É sempre tentador reduzir o número de seus competidores numa eleição. Ainda mais se a pessoa é uma governante no cargo e sua popularidade *per se* não garante a reeleição. Tal deve ter sido o raciocínio da decisão da governadora do Rio Grande do Norte, a petista Fátima Bezerra, de entrar em acordo com seu adversário direto na disputa de 2018, o ex-prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves. Membro do Partido Democrático Trabalhista (PDT) na ocasião, este outrora oponente é alguém que também declarou apoio no segundo turno de 2018 a Jair Bolsonaro, o eventual vencedor daquela disputa presidencial.

A cronologia da aliança é conhecida entre os observadores da política local a partir da emergência das notícias. Ela sugere que o acerto pessoal entre Fátima Bezerra e Carlos Alves ocorreu ainda em 2021, a partir de uma preparação do terreno político pelo chefe do Gabinete Civil, secretário Raimundo Alves. Um dos homens mais poderosos da gestão e filiado ao PT, Raimundo Alves é o articulador político do governo. Dentre suas funções na operação política do acordo, estava a de acostumar os militantes petistas à antipática coligação. A antipatia era oriunda da oposição que o PT fez no plano municipal à gestão do pedetista, do fato de Carlos Eduardo ser um membro da família Alves e, sobretudo, do apoio deste a Bolsonaro no segundo turno de 2018. Apesar disso, o mesmo articulador já declarava, em dezembro daquele ano, que o acordo era “factível e desejável” (Costa, 2021). A governadora disputaria a reeleição enquanto Carlos E. Alves seria o seu aspirante a senador, na mesma chapa.¹

O ex-prefeito, em movimento previsível, concedeu entrevista em fevereiro de 2022 ao jornal *Tribuna do Norte*, falando que a aliança era “possível sim”. Pontuada por elogios à gestão Bezerra e críticas à oposição e ao “bolsonarismo”, a entrevista tornou claro que a decisão já havia sido

¹ O cálculo do ex-prefeito é tomado neste texto como uma constante, o que pode ser objeto de crítica. Minha premissa, no entanto, é clara: Alves certamente pensava que sua vitória era mais provável na disputa de Senado do que em uma repetição do embate contra Fátima.

tomada pelos três personagens, com o presumível aconselhamento de umas poucas pessoas. Faltavam apenas os acertos finais (Dantas, 2022).

No fim de março, o articulador político do governo confirmou que a aliança estava fechada (Costa, 2022a). Não há dúvida de que Fátima Bezerra controlava sua sucessão já no início de 2022. Além de ser a titular no cargo, a falta de apetite por este parecia disseminada, com poucos políticos se articulando realmente para disputá-lo. Em uma interpretação, certa competição entre os ministros Fábio Faria (Comunicações) e Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) pela posição de candidato a senador de Bolsonaro desarticulou a oposição estadual a princípio (Pitombo, 2021). No modelo analítico empregado aqui, entretanto, foi a operação política de Bezerra a principal responsável por retirar potenciais oponentes do caminho.

A cooptação de Carlos E. Alves também criava obstáculos ao prefeito de Natal, Álvaro Dias, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). A vice-prefeita, Aila Cortez, é do PDT; qualquer candidatura do prefeito a governador implicaria passar o comando da prefeitura aos pedetistas. Prima da esposa de Alves, ela foi a condição de seu apoio à reeleição de Dias em 2020. Álvaro Dias havia sido eleito originalmente como vice de Carlos Alves em 2016, assumindo a prefeitura quando da saída do pedetista para disputar o governo em 2018. Dias, sempre refratário à governadora na pandemia e uma opção perene da oposição estadual para a disputa de governo, teria problemas de confrontar Fátima Bezerra sem o apoio da prefeitura natalense.²

O senador Jean Paul Prates (PT), o suplente eleito juntamente com Bezerra em 2014, reagiu de forma negativa aos sinais iniciais de que sua pré-candidatura à reeleição seria descartada. Tendo obtido a segunda colocação na eleição de 2020 para prefeito de Natal, com 14% dos votos, sua expectativa era de ser recompensado com a candidatura, desta feita como titular, ao Senado. Afinal, ele cumprira adequadamente seu papel numa competição dominada pelo prefeito do PSDB, a partir da desistência de outros petistas

² O confronto do prefeito com a governadora na pandemia começou já no período inicial das medidas de emergência sanitária (Gomes *et al.*, 2022).

mais conhecidos de disputar o cargo. O senador cobrou uma retratação do ex-prefeito por suas críticas passadas ao PT e manteve sua pré-candidatura em janeiro, adicionando que havia entrado no PT justamente pelo partido não ter “coronel” ou “chefete” (Carlos Eduardo deve..., 2022).

Os termos duros podem ser analiticamente inadequados, mas eles refletem a transição na situação dos petistas potiguares. Incansáveis críticos das “oligarquias” – ou seja, dos grupos familiares Alves, Maias e Rosados –, no pleito de 2018, a composição com integrantes da família Alves passou a ser vista pelos mesmos petistas como necessária para sua manutenção no poder estadual. É evidente que a decisão sobre a chapa majoritária foi tomada por Fátima Bezerra e um grupo bem reduzido de pessoas em seu entorno. No sentido grego e próprio do termo, a oligarquia decisória em questão foi o próprio PT potiguar. Sobre essa “transição de Jano” terei mais a dissertar na última seção.

O diretório estadual da agremiação se apressou em dizer em nota, após os comentários de seu senador, que a governadora conduziria o processo sucessório. Prates se viu na obrigação de concordar; após recusar ofertas de filiação a outros partidos durante a janela partidária, aceitou ser novamente o primeiro suplente e tornou-se um entusiasta da composição e da candidatura Carlos Alves.

Por qual razão a governadora decidiu cooptar o seu adversário direto em 2018? A resposta óbvia era de que Alves representava a principal ameaça a sua reeleição. O ex-prefeito tinha uma lembrança elevada no eleitorado, tendo disputado duas eleições de governador; a primeira foi em 2010, quando obteve pouco mais de 10% dos votos. Em 2018, por sua vez, seus patamares de votação no primeiro e segundo turno foram, respectivamente, 32% e 42%. Esse diagnóstico, em si trivial, deve ser complementado pela situação da opinião pública. Se a popularidade de Bezerra fosse alta, possivelmente a aliança com Alves seria desnecessária.

A dúvida de observadores do pleito na ocasião era justamente se a controladora do processo sucessório apenas não havia transferido a competição para outro lugar, sem necessariamente reduzir a vulnerabilidade

de sua reeleição. Pesquisa Ipspe com campo entre 23 e 26 de março de 2022 retratava bem os problemas políticos do governo Fátima: a avaliação positiva (ótimo mais bom) da gestão estava em 29%, enquanto a regular atingia 36% e a negativa (ruim mais péssimo) alcançava 31%. Sua popularidade, portanto, era apenas mediana, nem alta nem baixa. Tal situação não mudou de modo geral nos levantamentos posteriores antes do início da campanha.³

O sinal do pleito, então, não era claro. Nem a continuidade nem a mudança podiam ser divisadas com um mínimo de clareza a partir dos dados de opinião pública. É plausível presumir que a governante petista estava plenamente consciente de sua própria vulnerabilidade no eleitorado. Na sequência da definição final a respeito em março, em nenhum momento emergiram sinais de hesitação de sua parte.⁴

Fátima Bezerra talvez preferisse manter seu atual vice, Antenor Roberto, um quadro tradicional do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), restringindo-se à adição de Carlos Alves à coalizão de reeleição. A conjunção nacional se fez valer, no entanto, na dependência que a governadora tinha da popularidade do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Este solicitou a aliança com o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). A injunção do agora presidente eleito se situava num esforço mais amplo de incorporação de todo o MDB nordestino em sua campanha para voltar à presidência. Dependente do candidato presidencial do PT,

³ A maioria das pesquisas em 2022 no Rio Grande do Norte trabalhou com o indicador binário de popularidade aprova/desaprova. O índice de aprovação, embora pertinente *per se*, não capta adequadamente o fato de que existe “um segmento do eleitorado que não se sente contemplado pelas opções que avaliam o governo ou positivamente ou negativamente” (Almeida, 2008, p. 190). Nesse sentido, a escala ótimo-bom-regular-ruim-péssimo é melhor para captar as gradações e ambiguidades do eleitor brasileiro e do nosso próprio sistema multipartidário. Quando se trabalha com a escala de cinco categorias, unimos o ótimo e o bom para formar o índice de avaliação positiva e o ruim e péssimo para compor o índice de avaliação negativa. Ver as observações presentes em Almeida (2008).

⁴ Para úteis discussões sobre o “sinal” de eleições, ver os trabalhos de Carreirão (2002, cap. 6), Almeida (2008) e Lavareda (2011).

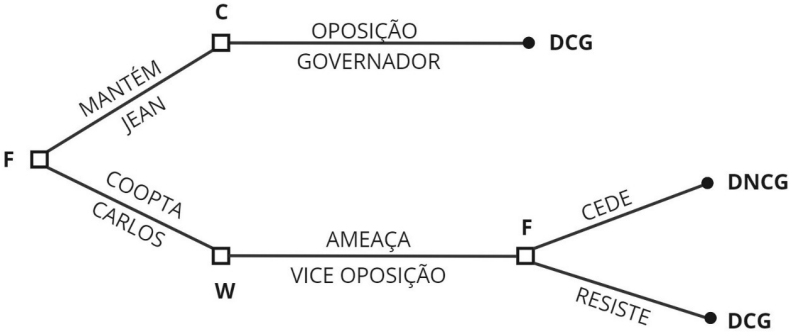
a resposta inicial do governo estadual foi ventilar a filiação de nomes governistas ao MDB como alternativas de vice.

No comando do MDB estadual, o deputado federal Walter Alves, da mesma família política de Carlos Eduardo, percebeu claramente a lógica da eleição: Fátima Bezerra queria reduzir a qualquer custo a competitividade de sua própria disputa. O deputado federal não se deixou levar pelas sugestões vazadas na imprensa de nomes governistas para filiação ao MDB; o cargo era dele. A ameaça de uma aliança emedebista com o PSDB, na figura do presidente da Assembleia, Ezequiel Ferreira, e com o Partido Liberal (PL), do ex-ministro Rogério Marinho, completou o jogo. Em termos estratégicos, a ameaça era crível haja vista o acordo entre o MDB e o PSDB para a alocação de suas respectivas candidaturas proporcionais (PSDB e MDB..., 2022). A governadora não quis arriscar uma disputa com um dos políticos mais poderosos do estado e aliado desde o segundo turno de 2018, preferindo insistir em uma competição na qual enfrentasse apenas candidatos frágeis.⁵ No curso da campanha, Ferreira aderiu explicitamente à reeleição, já pensando em sua reeleição para presidente da Assembleia em 2023.

Em referência específica à disputa de governador, a figura 1 abaixo sumariza minha representação do leque de escolhas da governadora, a partir da sua função de preferência e do conhecimento de sua própria vulnerabilidade eleitoral. A premissa óbvia sobre a primeira é a de que Bezerra desejava reduzir ao máximo o risco advindo da opinião pública a sua reeleição. A figura usa a clássica forma extensiva da teoria dos jogos como forma de esclarecimento dos passos lógicos contidos no modelo teórico, embora sem as especificações típicas de modelos mais formais (Morrow, 1994).

⁵ A chapa com os nomes de Ezequiel Ferreira para governador, Walter Alves vice e Rogério Marinho já vinha sendo cogitada no comentário político potiguar em fevereiro, mas a janela partidária em março induziu a intensificação da hipótese. Ela foi erroneamente anunciada como fato consumado por Túlio Lemos (2022). A composição teria o importante apoio do prefeito de Natal. O desmentido só ocorreu semanas depois no jornal *Tribuna do Norte* (Ezequiel não será..., 2022). Círculos de opinião mais ligados ao governo estadual trataram de divulgar que a ideia era apenas um blefe. Eu discordo da interpretação no texto. A cogitação foi real e serviu para sedimentar a chapa situacionista.

Figura 1. Forma extensiva do jogo da eleição de governador



Fonte: elaboração própria.

Na figura, os atores são F (Fátima Bezerra), C (Carlos Alves) e W (Walter Alves), enquanto os resultados são DCG (disputa competitiva de governador) e DNCG (disputa não competitiva de governador). A figura 1 deixa mais claro por que a governadora seguiu em sua estratégia sem nenhum desvio: a incerteza na competição por seu cargo ainda existia e fazia sentido neutralizar os *loci* de poder representados pela família Alves e pelo comando da Assembleia Legislativa. Com esse fito, ela aceitou até mesmo ser circundada por integrantes da família Alves na própria chapa.

Já era possível perceber então que a governadora poderia estar apenas transferindo a competição de um lugar para outro. Como o ex-prefeito era um apoiador formal de Ciro Gomes e o ex-ministro Rogério Marinho (PL) o aspirante claramente vinculado ao então presidente Bolsonaro, abriu-se uma lacuna para a emergência de um postulante pró-Lula na disputa.

O nome não apenas surgiu como era igualmente pró-Fátima. Trata-se do deputado federal Rafael Motta, do Partido Socialista Brasileiro (PSB).⁶ O partido detinha o vice de Lula, através de Geraldo Alckmin, assim como

⁶ Hoje Motta pertence ao partido Avante.

participava da base de sustentação da governadora. Motta votou a favor do *impeachment* da presidente Dilma e do teto de gastos proposto pelo governo Temer em 2016. A partir do ano seguinte, entretanto, participou do movimento de volta à esquerda patrocinado pelo presidente do PSB, Carlos Siqueira, e se situou na oposição a Temer. O PSB potiguar apoiava outrossim o governo Fátima desde o início.

No início de maio de 2022, a seção estadual enviou ofícios a institutos de pesquisa pedindo a inclusão do nome do deputado nas sondagens (PSB pede oficialmente..., 2022). Isto deixou claro que Motta e a direção nacional já estavam prontos para o movimento, na medida em que esperaram Bezerra descartar em definitivo a reeleição do senador Jean-Paul Prates (PT).⁷ A decisão de junho do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que manteve a proibição às coligações majoritárias “cruzadas” não desanimou o PSB potiguar. Em todo caso, o parlamentar não objetivava fechar uma aliança com partidos contrários à governadora. Sua intenção era apoiar tanto Lula como ela; no caso da segunda, o apoio poderia ser formal ou não.

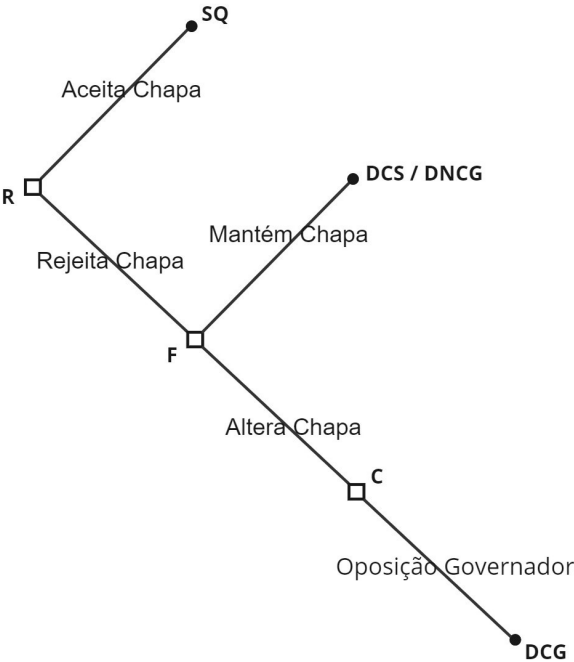
O deputado explicitamente rejeitou a chapa Fátima-Walter-Carlos, propondo seu nome para senador em vez do último. Não é claro se ele aceitaria ser um segundo nome para senador da chapa, o que é permitido pela interpretação do TSE. Em todo caso, isso jamais seria aceito pela governadora e pelo PT. Também não é claro se ele esperava uma resposta positiva ao seu pedido. O fato é que sua postulação deixou claro que ele tinha o poder de tornar mais competitiva a eleição senatorial. Havia desconforto generalizado entre militantes e simpatizantes do PT com o ambíguo nome de Carlos Eduardo Alves. Indicador indireto disso era o desconforto da própria direção estadual petista com a pré-candidatura do PSB, como fica evidente em duas entrevistas concedidas pelo presidente estadual dos petistas, o ex-deputado estadual Júnior Souto. Souto considerava a candidatura de Motta “sem tempo e sem lugar”, afirmando ainda que

⁷ Outra evidência, ainda que indireta, de que os socialistas já se preparavam para esse movimento foi a inclusão do nome de Motta na pesquisa Ipspe, cujo campo se deu em março de 2022 (TN/Ipspe Senado..., 2022).

ela ampliava “as chances do bolsonarismo” na competição de senador (Costa, 2022b, 2022c).

A figura 2 abaixo sumariza o jogo nesse ponto, após o fechamento da aliança petista com a família Alves. A preferência da governadora é tratada aqui como fixa, assim como na figura anterior. Na função de preferência de Fátima Bezerra, a disputa não competitiva de governador (DNCG) é sempre o melhor resultado, mesmo na eventualidade de efeitos colaterais na outra disputa majoritária em jogo. Já Motta certamente julgava que seus objetivos políticos de longo prazo validariam o risco de concorrer para uma vaga no Senado e não tentar novamente a reeleição como deputado federal.

Figura 2. Forma extensiva do jogo da eleição de senador



Fonte: elaboração própria.

Em relação à figura 1, o único ator adicionado aqui é R, Rafael Motta. Dentre os resultados possíveis, adicionei SQ (*status quo*) e DCS (disputa competitiva de senador). A alteração da chapa pedida por Motta implicaria muito provavelmente uma retaliação de Carlos Eduardo Alves, que poderia se lançar candidato a governador. O melhor movimento para Bezerra era rejeitar a oferta/ameaça de Motta, gerando então o resultado do pleito competitivo de senador. Assim, a figura 2 deixa claro de que forma a competição pela vaga da Câmara Alta foi ampliada pelos movimentos da corrida pelo governo. A ameaça de Motta era crível; a governadora meramente optou por consumir os custos de sua concretização.

A configuração das chapas e a campanha

Nesta seção, não tentarei fazer um inventário de todos os movimentos da campanha. A ideia é exibir a composição final das principais chapas, os pontos centrais do discurso das candidaturas e alguns dados de pesquisas de opinião. Os discursos dos candidatos de oposição serão discutidos primeiro, dada a baixa saliência da sua retórica na comparação com a titular no cargo.

A oposição só conseguiu apresentar dois candidatos relevantes, o senador Styvenson Valentim (Podemos), também conhecido como Capitão Styvenson, e o ex-vice-governador Fábio Dantas (Solidariedade). Como se trata aqui de uma eleição na qual a titular no cargo buscava a reeleição, opto por tratar ambos como membros da oposição, apesar de Valentim não pertencer aos grupos oposicionistas na Assembleia Legislativa e nem se definir como um apoiador do presidente Jair Bolsonaro. Nessas situações, a candidatura governista é apenas uma, e as demais são, para efeitos práticos (e analíticos), oposicionistas. Aliás, essa é uma vantagem inerente a quem está no poder.

Ambos os aspirantes sofreram de sérios problemas de credibilidade ao longo da campanha. O Capitão Styvenson, por um lado, tinha um discurso de defesa à Lava Jato que não fornecia nenhuma imagem nítida de como

seria o seu governo. Toda a sua retórica foi permeada pelo discurso sob o qual foi eleito em 2018, indicando aversão à política tradicional e aos métodos normais de campanha eleitoral. O ex-policial chegou a abdicar de fundos públicos para a campanha, assim como de seu espaço no horário gratuito de propaganda eleitoral (Fábio Dantas terá..., 2022). Sua principal vantagem era a lembrança de seu nome no eleitorado, dada a disputa estadual anterior.

O ex-vice-governador Fábio Dantas (SD), por sua vez, tinha a vantagem sobre Valentim de ser claramente anti-Fátima, o que lhe possibilitava captar votos entre eleitores insatisfeitos com a gestão. Criticava sem cessar a situação precária das estradas estaduais, por exemplo. No seu material de propaganda eleitoral, Dantas foi evoluindo de alguém que se definia como eleitor de Bolsonaro até se posicionar como o candidato do presidente (Fábio Dantas muda..., 2022). Ele o fez na intenção de superar o concorrente do Podemos. Todavia, seu calcanhar de Aquiles ficou exposto o tempo inteiro: a associação com o governo anterior, de Robinson Faria. Este terminara em terceiro lugar ao tentar se reeleger, com uma gestão que atingia níveis de avaliação positiva abaixo de 15% nas sondagens (Lacerda, 2020).

O Quadro 1 exhibe a composição das principais chapas majoritárias após os dois jogos discutidos nas figuras 1 e 2, mostrando apenas os partidos que obtiveram posições formais de governador, senador e suplentes de senador. As chapas ausentes do quadro não foram relevantes no pleito, na medida em que nenhum de seus aspirantes a governador ou senador obtiveram mais de 5% dos votos válidos.⁸

Como se pode perceber no quadro, o deputado Rafael Motta manteve sua aspiração e se lançou numa chapa sem candidato ao governo do Estado. Dois partidos pequenos o apoiaram, mas não obtiveram nenhuma suplência. No agrupamento do Podemos, apenas a candidatura a governador foi competitiva. O PCdoB, partido do vice-governador, ficou alocado na segunda suplência senatorial na composição situacionista. Por fim, após

⁸ Esse patamar opera nesse caso apenas como uma regra de mão, cujo fito é simplificar a visualização dos dados.

tortuosas negociações, o União Brasil decidiu apoiar Fábio Dantas e indicar seu vice, dando-lhe assim o maior tempo de TV na propaganda eleitoral.

Quadro 1. Principais chapas majoritárias nas eleições de 2022 no Rio Grande do Norte

Governador	Fátima Bezerra (PT)	Styvenson Valentim (Podemos)	Fábio Dantas (Solidariedade)	N/A
Vice-governador	Walter Alves (MDB)	Francisca Henrique (Podemos)	Ivan Jr. (União Brasil)	N/A
Senador	Carlos Eduardo Alves (PDT)	Geraldo Pinho (Podemos)	Rogério Marinho (PL)	Rafael Motta (PSB)
Suplentes de senador	1º suplente (PT); 2º suplente (PCdoB)	1º suplente (Podemos); 2º suplente (Podemos)	1º suplente (PL); 2º suplente (Solidariedade)	1º suplente (PSB); 2º suplente (PSB)

Fonte: elaboração própria.

Os candidatos a senador que dominaram a competição foram os aspirantes do PL, PDT e PSB. O discurso do ex-ministro Rogério Marinho se centrou nas suas realizações, como alguém que havia entregado obras e equipamentos ao estado na condição de titular da pasta do Desenvolvimento Regional. Tentando tirar proveito do avanço da transposição do Rio São Francisco, designou-se como “o cara das águas”.⁹ Ele obteve o apoio de muitos prefeitos através dessas trocas políticas, além do apoio do presidente estadual do PSDB e da Assembleia Legislativa, Ezequiel Ferreira. Este foi igualmente um apoiador de Bezerra no pleito do Executivo.

Não há evidência sólida de que o apoio inicial a Marinho se concentrava apenas no eleitorado pró-Bolsonaro, nem de que sua associação explícita com o presidente, mal avaliado pela maioria do eleitorado potiguar, prejudicou-

⁹ Vide a propaganda eleitoral de 26 de agosto de 2022 (Marinho, 2022).

o.¹⁰ O ex-deputado e ex-ministro basicamente cruzava as bases de apoio da governadora nos municípios, até porque muitas delas não eram controladas diretamente pelo PT.

Quanto a Carlos Eduardo, o discurso reforçou sua experiência administrativa como prefeito de Natal (2000-2008 e 2013-2018) e suas contribuições nessa condição em algumas áreas de política pública. Em grande medida, a substância de sua retórica foi obnubilada pela ambiguidade que exibiu entre os candidatos presidenciais Ciro Gomes e Lula. A postura ambivalente se deu aparentemente para manter suas bases em Natal, em parte antipetistas, e evitar a perda da presidência estadual do PDT por algum movimento da direção nacional. O então candidato Lula emprestou seu apoio ao pedetista no dia 9 de setembro, enquanto ele só declarou voto no agora presidente eleito no dia 27 do mesmo mês (Em vídeo, Lula..., 2022).

Alves também atacou o uso por parte de Marinho do assim chamado “orçamento secreto”, o que lhe rendeu a antipatia de prefeitos. De resto, desafiou judicialmente a presença de Motta em eventos das campanhas petistas, em claro sinal de que temia a captação de votos do aspirante mais jovem (Costa, 2022d).

Rafael Motta, por fim, ressaltava ser o nome novo em contraste com os dois competidores mais tradicionais. Ele (assim como Carlos) atacou o papel de Rogério Marinho na reforma trabalhista do governo Temer, definindo-o como um inimigo dos trabalhadores. Buscava se posicionar também como o candidato da juventude, tendo ele próprio a idade limite para concorrer ao cargo. O aspirante Alves, para ele, era uma “metamorfose ambulante”. Esses ataques a Carlos Eduardo, por sinal, eram similares aos do candidato do PL. No afã de capturar votos de eleitores indiferentes entre Carlos Alves e Rogério Marinho, ou hostis a ambos, repetiu incessantemente nas redes sociais o mote “você tem uma opção”.

A governadora, embora gozando de uma avaliação de governo mediana, como referi com a pesquisa Ipespe na seção anterior, contava com as

¹⁰ A rejeição do presidente atingiu 50% na pesquisa Seta com campo entre 31 de agosto e 2 de setembro (Lula tem 50,5%..., 2022).

vantagens usuais de quem é a titular no cargo. Nesse caso, “eleitores podem fazer julgamentos sobre competência baseados na observação de comportamento ‘efetivo’” (Popkin, 1994, p. 66).¹¹ Mesmo com poucas obras novas, ela podia apontar para o fato de que havia quitado as folhas salariais atrasadas deixadas pela desastrosa gestão anterior. Além disso, podia salientar seu comportamento responsável, contrário à postura federal, na pandemia. Com os problemas de credibilidade que assolavam os dois candidatos relevantes da oposição, as vantagens de estar no cargo se revelaram muito fortes na reta final da campanha, como mostrarei adiante. O desempenho da oposição é puramente hipotético, comparado ao elemento presente produzido pelo governo em funções (Downs, 1999).

A situação na opinião pública dos seis candidatos pertinentes para este estudo pode ser mais bem estudada mediante um exame de seus índices de intenção de voto em agosto, o mês em que se iniciou formalmente a campanha eleitoral. A tabela 1 abaixo exhibe os dados pertinentes a partir de uma média aritmética das pesquisas públicas divulgadas no referido mês. Novamente ignoro os nomes sem relevância na campanha eleitoral.

Tabela 1. Média da intenção de voto dos pleitos majoritários (levantamentos de agosto)

Governador	Senador
Fátima Bezerra (41%)	Carlos E. Alves (23%)
Styvenson Valentim (18%)	Rogério Marinho (20%)
Fábio Dantas (11%)	Rafael Motta (11%)
Outros (4%)	Outros (5%)
Sem candidato (28%)	Sem candidato (43%)

Fonte: Blog do Barreto.

¹¹ Todas as traduções do inglês neste texto são minhas.

O exame da tabela revela que ainda havia considerável incerteza eleitoral na corrida para o governo, na medida em que mais de 1/4 do eleitorado ainda estava sem candidato – a soma dos que dizem não saber em quem votar, não responderam e indicaram opção pelo voto em branco e nulo. Na pesquisa Ipec realizada em agosto, igualmente, a avaliação positiva da administração de Bezerra marcou 38% (a soma de ótimo e bom), o que sugere que ainda era possível um cenário de acirramento da competição do Executivo. Dado o contexto de redução de competitividade, no entanto, não faria sentido na ocasião predizer a derrota de Bezerra.

Todavia, a incerteza era bem maior no campo da corrida senatorial. Mais de 2/5 dos eleitores não indicavam o nome de algum aspirante e apenas o postulante do PDT havia concorrido em pleitos majoritários estaduais antes. Marinho e Motta ainda estavam tornando seus nomes conhecidos junto ao grande eleitorado. Isso apontava para a possibilidade de surpresas e volatilidade da intenção de voto na reta final da campanha.

Resultados

Um bom ponto de partida para a análise dos resultados pode ser simplesmente considerar os últimos levantamentos de opinião realizados antes do dia 2 de outubro. Utilizo para tal fito aqui a sondagem Consult, divulgada no dia 30 de setembro, cujo campo se deu entre 25 e 28 do mesmo mês, e a pesquisa Ipec, divulgada na véspera da eleição, com campo iniciado no dia 29 e encerrado no dia da divulgação. Como ambas ocorreram muito próximas ao dia da eleição, considerarei o indicador de intenção de voto em votos válidos.

Em ambas as pesquisas, a vitória da governadora estava desenhada já no primeiro turno, na Consult com 54% dos votos válidos e na Ipec com 61%. O senador Styvenson e Fábio Dantas apareciam basicamente empatados, com 18% e 17%, respectivamente, na segunda pesquisa. Na Consult, seus respectivos percentuais eram 22% e 21%, também indicando empate técnico. Quanto ao Senado, houve discrepância entre as duas empresas.

O levantamento Ipec indicou vitória de Carlos Eduardo, com 40%, contra 29% e 23% dos candidatos do PL e do PSB, respectivamente. O inquérito da Consult apontou, por sua vez, empate técnico entre os dois competidores à frente no Senado, com Carlos, Rogério e Rafael obtendo 40%, 39% e 19%, respectivamente (Ipec no RN..., 2022; Fátima lidera e..., 2022).

Como pôde ser observado na tabela 1, a competição pela vaga senatorial sempre foi a mais incerta, o que tornou as pesquisas um instrumento incerto para prognosticar o resultado. A volatilidade, nesse caso, pode ser igualada à competitividade. Apelos de políticos e emissores de opinião petistas pelo voto útil contra o “bolsonarismo” também se revelaram inúteis. O ex-ministro do PL obteve a maioria simples e, por conseguinte, a vitória. A tabela 2 abaixo mostra o resultado das duas eleições majoritárias, com a consolidação do “cenário de Jano”: os dois pleitos exibiram faces opostas.

Tabela 2. Resultados das duas eleições majoritárias em votos válidos (%)

Governador	Senador
Fátima Bezerra (58,3%)	Rogério Marinho (41,9%)
Fábio Dantas (22,2%)	Carlos Eduardo (33,4%)
Styvenson Valentim (16,8%)	Rafael Motta (22,8%)
Outros (2,7%)	Outros (1,9%)

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

Como o exame da tabela revela, o terceiro colocado na disputa senatorial obteve uma votação maior que a do segundo colocado na corrida de governador. Os efeitos colaterais da estratégia da governadora se fizeram sentir de modo agudo na disputa de Senado. É fácil pontuar que a entrada de Motta na disputa pode ter sido um dos fatores da vitória de Marinho, mas o deputado do PSB não teria se candidatado a senador se Fátima tivesse mantido Jean-Paul Prates como o nome para continuar

no cargo.¹² Simplesmente o espaço político não existiria. A estratégia da gestora estadual tem que ser vista, portanto, em interação estratégica com as táticas e preferências dos demais jogadores.

Jano e a Ponte

Jano é por vezes associado em referências culturais modernas como um símbolo de duplicidade, em vista do fato de sua estátua apresentar em sua cabeça duas faces, uma na frente e outra atrás. Em trabalhos literários e acadêmicos, assim como na Antiguidade, sua imagem é bem mais positiva e nuançada. “Celebrado na literatura como o deus dos inícios e das transições, Jano parece ser uma personificação de espaços transicionais através dos quais alguém tem que caminhar para começar um empreendimento” (Taylor, 2000, p. 1). A própria palavra latina *ianus* significa entrada ou portal.

Uma maneira de averiguar em que medida a eleição de 2022 foi uma transição, um novo começo, é analisar a própria retórica das forças reeleitas no Executivo. Na campanha de 2018, um discurso padrão contra Carlos Eduardo Alves era o de que ele havia reunido as “oligarquias” em torno de si. No discurso político de então, igualou-se grupos político-familiares a oligarquias. A própria Fátima, em seu discurso de triunfo, disse que sua vitória representava o fim do “ciclo de oligarquias” nos governos estaduais (Araújo, 2018). Obstáculos retóricos tiveram que ser, portanto, suprimidos para a concretização da aliança com os Alves.

Consideremos brevemente a origem grega da palavra (e do conceito) oligarquia, *oligos* como poucos e *arché* como autoridade. Assim ela é usada no tratamento clássico na Antiguidade feito por Aristóteles em sua *Política*, que associa, na teoria das formas de governo, o governo dos poucos aos ricos – que quase sempre são poucos (Aristotle, 2017, III 7, 8). Uma análise moderna e influente é a de Robert Michels, que deriva o domínio de oligarquias, mesmo na democracia, ao desenvolvimento da organização. Oligarquias partidárias são explicitamente descritas por ele

¹² Prates depois veio a ser presidente da Petrobras, entre 2023 e 2024.

como “uma minoria de diretores” que governa “uma maioria de dirigidos” (Michels, 1962, p. 70).

No caso em tela, poder-se-ia dizer que a oligarquia principal foi o PT estadual, a partir da liderança da governadora. A rigor, há confusão no vocabulário político local entre oligarquia e grupo político-familiar. O fato de alguém não pertencer a um grupo oligárquico do tipo familiar não veda a hipótese de que seja integrante de uma oligarquia de outro tipo.¹³

Todos os sinais sugeriam rejeição, de militantes e da base eleitoral petista em geral, pela opção de votar em Carlos E. Alves. As deputadas petistas Isolda Dantas (estadual) e Natália Bonavides (federal) resistiram por alguns meses à adesão ao antigo adversário (Natália Bonavides declara..., 2022). Nas tratativas iniciais para justificar a aliança, o articulador político do governo chegou até a citar uma fonte marxista pouco mobilizada nos dias de hoje por intelectuais ligados ao PT: “O pragmatismo não pode ser condenado, o Lenin no livro (...) ‘A doença infantil do esquerdismo’ fala que as táticas eleitorais para se alcançar os objetivos (...) são justificáveis” (Fátima Bezerra quer..., 2022).

Na verdade, a evidência biográfica sobre o líder revolucionário russo (e posteriormente o primeiro governante do regime soviético) sugere que suas lições para correligionários variavam de acordo com a conjuntura. Em 1917, ele foi intransigente na defesa das famosas Teses de Abril, que exortavam os bolcheviques que se preparassem para uma revolução socialista próxima no tempo, e não mais para uma “revolução burguesa” primeiro. Isso implicava alianças muito restritas, se é que haveria alguma. Já no poder, em 1920, data da publicação de *Esquerdismo*, recomendou aos comunistas alemães que se aliassem à direita autoritária alemã de modo a criar as condições políticas para a revolução. A premissa era de que não via as condições revolucionárias na Alemanha. O problema era que seus correligionários lá seguiam em parte conselhos anteriores dele (Service, 2000, p. 413-414).

¹³ Uma boa maneira de estudar essa questão está na literatura em inglês sobre “dinastias políticas” e sua capacidade de se perpetuar no poder (Dal Bó et al., 2009).

Não há, portanto, uma teoria geral justificando a decisão de Fátima Bezerra. Há apenas a estratégia anteriormente referida de redução da competitividade; um curso de ação que exige uma transição.

A outra maneira é avaliar os dados em si, definir em que medida ocorreu variação positiva – para mais – da competitividade eleitoral. Para tal, precisamos de uma análise do significado de competitividade. Como mensurá-la adequadamente? Em seu trabalho clássico sobre sistemas eleitorais, Gary Cox (1997) analisa em que medida decisões estratégicas, primeiro da elite política e posteriormente do eleitorado, vão reduzindo o número de candidatos viáveis. Sistemas eleitorais envolvem jogos de coordenação; se estes falham, seja no nível da elite política, seja no nível do eleitorado, o número de candidatos viáveis aumenta. O número de vagas, ou seja, a magnitude do distrito eleitoral (M), tem um papel fundamental. Cox propõe uma medida geral para o número de candidatos viáveis, ou seja, de aspirantes a salvo da deserção do eleitorado via voto estratégico.

Sem dúvida, o apelo pelo voto estratégico ocorreu na competição em estudo aqui, em particular por parte dos apoiadores petistas do candidato Alves, mas vou utilizar a razão mencionada de maneira um tanto quanto diferente da presente no livro *Making Votes Count*. Para esclarecer como, cumpre destacar duas importantes passagens. Em Cox, $M + 1$ define um número de candidatos viáveis, ou seja, a salvo do voto estratégico preconizado pela teoria de Maurice Duverger. Este é um resultado de equilíbrio em modelos formais da teoria da escolha pública.

O equilíbrio duvergeriano corresponde “a situações nas quais há um claro hiato separando o primeiro do segundo perdedor, de modo que este é percebido como tendo virtualmente nenhuma chance de competir” pela segunda cadeira (Cox, 1997, p. 101). O equilíbrio não duvergeriano, por sua vez, corresponde “a situações nas quais não é claro *ex ante* quem será o primeiro perdedor e quem o segundo, com o resultado de que nenhum dos dois sofrerá deserção estratégica [do eleitorado], e o número de candidatos viáveis excederá $M + 1$ ” (Cox, 1997, p. 101).

Como se pôde ver anteriormente na tabela 1, a incerteza possivelmente se estendia aos três candidatos à vaga no Senado. Em todo caso, o grau de incerteza está associado ao lançamento de um terceiro nome, na figura do deputado federal do PSB. A lógica do hiato entre o primeiro perdedor e o segundo perdedor continua válida em todo caso, se não para averiguar a ocorrência de voto estratégico, pelo menos para aferir a ampliação da competitividade.

A predição de que candidatos na terceira colocação sofrerão deserção realmente se sustenta apenas nos equilíbrios duvergerianos. E o que dizer dos equilíbrios não-duvergerianos? Todos estes equilíbrios implicam que o primeiro e segundo perdedores recebem aproximadamente o mesmo número de votos. Portanto, uma estatística teoricamente interessante é a razão do total de votos do segundo para o primeiro perdedor (Cox, 1997, p. 85).

Esta razão foi denominada “razão de Cox” por Lacerda (2018), e utilizo a mesma terminologia aqui, em vez de *SF ratio*, a designação empregada pelo próprio Cox. Quanto maior a razão de Cox, maior é a competitividade e maior a possibilidade de que surja um terceiro competidor relevante; quanto menor a razão, menor a competitividade e a possibilidade de que dois contendores dominem a eleição uninominal para o Senado. Portanto, não emprego aqui o indicador para mensurar voto estratégico, e sim competitividade eleitoral.

Com isso, não tento negar a possibilidade de uma avaliação empírica do grau em que houve voto estratégico nas competições sob exame aqui. Isso provavelmente envolveria testes estatísticos de correlação entre as votações nos municípios dos seis candidatos mais tratados neste estudo. De fato, a competitividade e o voto estratégico podem estar correlacionados em muitas eleições democráticas. De certa forma, a variável dependente deste estudo é a competitividade senatorial. Meu juízo preliminar é de que o voto estratégico foi irrelevante no pleito, mas isso dependeria de confirmação ou refutação quantitativa mais apurada, em outra pesquisa.

A tabela 3 abaixo mostra os resultados da divisão sugerida para todas as eleições senatoriais e uninominais de maioria simples ocorridas no Rio Grande

do Norte (RN) após o fim do bipartidarismo. O pleito de 1982 não é incluído por ter ocorrido sob a regra da sublegenda, que foi mobilizada na ocasião no estado tanto pelo Partido Democrático Social (PDS) como pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o PMDB. Como há a possibilidade de que somas de votos de candidatos do mesmo partido definam a eleição, não podemos dizer que se trata de um pleito uninominal de maioria simples.¹⁴

Tabela 3. A Razão de Cox nas disputas uninominais de senador no RN

Eleição	Razão de Cox
1990	0,1
1998	0,3
2006	0,2
2014	0,0
2022	0,7

Fonte: elaboração própria.

Como se pode perceber a partir do exame da tabela, a eleição de 2022 se enquadra como um pleito cujo equilíbrio é não duvergeriano, que é apreendido aqui como um sinal de maior competitividade. A divisão da votação de Rafael Motta pela de Carlos Alves gera um valor próximo a 1. Em todos os demais pleitos, a razão de Cox registra patamares inferiores a 0,5, indicando disputas basicamente bipolares. O triunfo da própria Fátima Bezerra em 2014 apresenta o maior nível de vedação de terceiros aspirantes. Então, a disputa senatorial de 2022 é realmente diferente, sendo ainda mais curiosa por Bezerra ter ajudado a produzir um resultado tão distinto de sua própria aspiração ao Senado.

Em uma das interpretações na literatura sobre o significado de Jano, ele estava associado ao cruzamento de rios, sendo uma ponte aberta em

¹⁴ Tal é o caso porque sempre é possível que um segundo colocado ganhe a eleição por ser do partido que obteve mais votos – quando se considera a soma da votação dos seus candidatos (Nicolau, 2012).

tempos de guerra e fechada em tempos de paz (Taylor, 2000). No obscuro período médio da República Romana, também seria um lembrete que a ponte, frequentemente aberta, implicava o fato de Roma estar quase sempre em guerra. Na minha leitura neste trabalho, a eleição de 2022 no Rio Grande do Norte é uma ponte que produziu, de um lado, estabilidade na disputa de governador, ou seja, um tipo de “paz”; de outro lado, gerou “competitividade” na disputa senatorial, ou seja, um tipo de “guerra”.

Conclusão

A governadora atribuiu a desventura senatorial a “uma divisão dos votos no campo lulista” (Costa, 2022e). Marinho amealhou votos em percentual consideravelmente superior ao de seu candidato presidencial (30%), o que sugere uma complexidade maior do que a conta feita pela política reeleita. O que fica é o seu próprio sucesso (12 pontos percentuais a mais que a votação em primeiro turno quatro anos antes) e o bom desempenho dos petistas em geral no estado, tanto na votação de Lula como nos pleitos proporcionais. A perda da vaga senatorial em fevereiro de 2023 permanece como um desagradável efeito da estratégia, mas que ocorreria de toda forma dado o descarte do senador Jean.

Como comentário mais geral, este artigo propõe um novo olhar para a interação das disputas de governador e senador. Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que os partidos não são obrigados a lançar candidatos nas duas, por mais que essa seja a opção mais comum. Isso foi central nas ameaças de Motta. Em segundo lugar, o texto traz como contribuição a ideia de que o comportamento estratégico pode gerar efeitos políticos a partir da interação entre os dois pleitos majoritários estaduais. Não convém, em muitos casos, que os dois sejam vistos separadamente.

Tenho ciência de que a interação detectada aqui não necessariamente é dominante ou a mais comum. O inverso pode ocorrer, por exemplo com decisões relacionadas a aspirações senatoriais afetando negativamente a competitividade pelo Executivo estadual. O assunto é certamente merecedor de mais pesquisas e pretendi propor aqui um caminho metodológico para tal.

Agradecimentos

Agradeço ao jornal *O Povo* pelo convite para publicar os artigos de conjuntura que evoluíram em seguida para este texto. Bianca Lacerda me auxiliou na formatação das figuras.

Alan Daniel Freire de Lacerda é doutor em Ciência Política pelo IUPERJ (2005) e professor associado do Instituto de Políticas Públicas e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

✉ lacerda75@msn.com

Referências

1. ALMEIDA, Alberto. *A cabeça do eleitor: estratégia de pesquisa, pesquisa e vitória eleitoral*. 2. ed. São Paulo: Record, 2008.
2. ARAÚJO, Ricardo. Em Natal, eleita diz que sua vitória interrompe ciclo de oligarquias. *UOL*, 28 out. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/10/28/em-natal-eleita-diz-que-sua-vitoria-interrompe-ciclo-de-oligarquias.htm>
3. ARISTOTLE. *Politics: a new translation, with introduction and notes* by C. D. C. Reeve. Indianapolis: Hackett, 2017.
4. CARLOS EDUARDO DEVE se retratar por críticas ao PT para receber apoio do partido, afirma Jean Paul. *Portal 98 FM Natal*, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://98fmnatal.com.br/ultimas/carlos-eduardo-deve-se-retratar-por-criticas-ao-pt-para-receber-apoio-do-partido-afirma-jean-paul/>
5. CARREIRÃO, Yan. *A decisão do voto nas eleições presidenciais brasileiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC; FGV, 2002.
6. COSTA, Adenilson. Carlos Eduardo será senador em chapa de Fátima Bezerra, afirma Raimundo Alves. *Agora RN*, 29 mar. 2022a. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/carlos-eduardo-sera-senador-em-chapa-de-fatima-bezerra-afirma-raimundo-alves/>
7. COSTA, Adenilson. Candidatura de Rafael Motta ao Senado pode prejudicar Fátima Bezerra, diz Júnior Souto. *Agora RN*, 26 maio 2022b. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/candidatura-de-rafael-motta-ao-senado-pode-prejudicar-fatima-bezerra-diz-junior-souto/>
8. COSTA, Adenilson. Júnior Souto diz que PT já definiu coligação e descarta Rafael Motta para o Senado. *Agora RN*, 16 jul. 2022c. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/junior-souto-diz-que-pt-ja-definiu-coligacao-e-descarta-rafael-motta-para-o-senado/>
9. COSTA, Adenilson. Carlos Eduardo volta criticar orçamento secreto de Rogério. *Agora RN*, 21 set. 2022d. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/carlos-eduardo-volta-criticar-orcamento-secreto-de-rogerio/>
10. COSTA, Adenilson. Divisão da base lulista no RN, por Rafael, elegeu Rogério, diz Fátima. *Agora RN*, 11 out. 2022e. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/divisao-da-base-lulista-no-rn-por-rafael-elegeu-rogerio-diz-fatima/>
11. COSTA, Adenilson. Aliança entre Fátima e Carlos Eduardo é “factível e desejável”, diz chefe do Gabinete Civil do RN. *Agora RN*, 11 dez. 2021. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/alianca-entre-fatima-e-carlos-eduardo-e-factivel-e-desejavel-diz-chefe-do-gabinete-civil-do-rn/>
12. COX, Gary. *Making votes count: strategic coordination in the world's electoral systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

13. DAL BÓ, Ernesto; DAL BÓ, Pedro; SNYDER, Jason. Political Dynasties. *The Review of Economic Studies*, v. 76, n. 1, p. 115-142, 2009. <https://doi.org/10.1111/j.1467-937X.2008.00519.x>
14. DANTAS, Everton. “É possível sim uma aliança que tenha Fátima e eu”, afirma Carlos Eduardo Alves. *Tribuna do Norte*, 5 fev. 2022. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-possa-vel-sim-uma-aliana-a-que-tenha-fa-tima-e-eu-afirma-carlos-eduardo-alves/531399>
15. DOWNS, Anthony. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: Edusp, 1999.
16. EM VÍDEO, LULA declara apoio a Carlos Eduardo; confira. *Agora RN*, 9 set. 2022. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/em-video-lula-declara-apoio-a-carlos-eduardo-confira/>
17. EZEQUIEL NÃO SERÁ candidato. PT retoma conversa com MDB. *Tribuna do Norte*, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/noticia/ezequiel-na-o-sera-candidato-pt-retoma-conversa-com-mdb/535664>
18. FÁBIO DANTAS MUDA tom, acena ao eleitor de direita e assume ser “candidato de Bolsonaro”. *Portal 98 FM Natal*, 31 ago. 2022. Disponível em: <https://98fmnatal.com.br/ultimas/fabio-dantas-muda-tom-acena-ao-eleitor-de-direita-e-assume-ser-candidato-de-bolsonaro/>
19. FÁBIO DANTAS TERÁ maior tempo de propaganda e Styvenson abdica do horário; veja divisão. *Tribuna do Norte*, 18 ago. 2022. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/noticia/fa-bio-dantas-tera-maior-tempo-de-propaganda-e-styvenson-abdica-do-hora-rio-veja-divisa-o/545427>
20. FÁTIMA BEZERRA QUER Carlos Eduardo para o Senado. *Tribuna do Norte*, 17 fev. 2022. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-fa-tima-bezerra-quer-carlos-eduardo-para-o-senado/532152>
21. FÁTIMA LIDERA E Fábio assume o segundo lugar; Cenário mostra empate técnico para Senado. *Tribuna do Norte*, 30 set. 2022. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/fa-tima-lidera-e-fa-bio-assume-o-segundo-lugar-cena-rio-mostra-empate-ta-cnico-para-senado/548396>
22. GOMES, Sandra; SILVA, André; SEGATTO, Catarina; SANTOS, Anderson. A atuação coordenadora do governo do Rio Grande do Norte no combate à covid-19: inovação em tempos de crise? *Saúde e Sociedade*, v. 31, n. 4, p. 1-13, 2022.
23. IPEC NO RN, votos válidos: Fátima Bezerra tem 61%; Styvenson, 18% e Fábio Dantas, 17%. *G1*, 1 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/eleicoes/2022/noticia/2022/10/01/ipec-no-rn-votos-validos-fatima-bezerra-tem-61percent-styvenson-18percent-e-fabio-dantas-17percent.ghtml>
24. LACERDA, Alan. O voto em bloco individual no Brasil: notas de pesquisa sobre a eleição senatorial de duas vagas. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 26, p. 107-130, 2018. <https://doi.org/10.1590/0103-335220182603>
25. LACERDA, Alan. Quando menos é mais: tamanho de coalizão e a vitória do PT no Rio Grande do Norte em 2018. In: SILVA, E. et al. (org.). *Atores políticos e dinâmicas eleitorais*. Fortaleza: Edmeta, 2020. p. 174-206.

26. LAVAREDA, Antonio. Principais marcas das eleições municipais brasileiras de 2008. In: LAVAREDA, A.; TELLES, H. (org.). *Como o eleitor escolhe seu prefeito: campanha e voto nas eleições municipais*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011. p. 11-23.
27. LEMOS, Túlio. Exclusivo: Ezequiel rompe com Fátima, forma chapa com Walter Alves e vai disputar o governo do estado. *Blog Túlio Lemos*, 16 mar. 2022. Disponível em: <https://blogtuliolemos.com.br/exclusivo-ezequiel-rompe-com-fatima-forma-chapa-com-walter-alves-e-vai-disputar-o-governo-do-estado/>
28. LULA TEM 50,5% no RN; Bolsonaro, 29,8%; e Ciro, 7%, aponta pesquisa Seta/Band para presidente. *Portal 98 FM Natal*, 5 set. 2022. Disponível em: <https://98fmnatal.com.br/ultimas/lula-tem-505-no-rn-bolsonaro-298-e-ciro-7-aponta-pesquisa-seta-band-para-presidente/>
29. MARINHO, Rogério. O cara das águas chegou. É Rogério 222. Senador. Youtube: @RogerioSMarinho, 26 ago. 2022. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AE60e3yyxRk>
30. MICHELS, Robert. *Political parties: a sociological study of the oligarchical tendencies of modern democracy*. Nova York: Free Press, 1962/1915.
31. MORROW, James. *Game theory for political scientists*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
32. NATÁLIA BONAVIDES DECLARA apoio a Carlos Eduardo: “Tivemos divergências, mas está tomada a decisão”. *Portal 98 FM Natal*, 23 jun. 2022. Disponível em: <https://98fmnatal.com.br/ultimas/video-natalia-bonavides-declara-apoio-a-carlos-eduardo-tivemos-divergencias-mas-esta-tomada-a-decisao/>
33. NICOLAU, Jairo. *Eleições no Brasil: do Império aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
34. PITOMBO, João Pedro. Ministros de Bolsonaro travam guerra fria por disputa para o Senado. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/ministros-de-bolsonaro-travam-guerra-fria-por-disputa-para-o-senado.shtml>
35. POPKIN, Samuel. *The reasoning voter: communication and persuasion in presidential campaigns*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
36. PSB PEDE OFICIALMENTE aos institutos para Rafael constar nas pesquisas. *Tribuna do Norte*, 3 maio 2022. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/politica/psb-pede-oficialmente-aos-institutos-para-rafael-constar-nas-pesquisas/>
37. PSDB E MDB fecham o acordo para as eleições no RN. *Tribuna do Norte*, 20 mar. 2022. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/noticia/psdb-e-mdb-fecham-o-acordo-para-as-eleicoes-no-rn/534413>
38. SERVICE, Robert. *Lenin: a biography*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

39. TAYLOR, Rabun. Watching the skies: Janus, auspication, and the shrine in the Roman Forum. *Memoirs of the American Academy in Rome*, v. 45, p. 1-40, 2000. <https://doi.org/10.2307/4238764>

40. TN/IPESPE SENADO: Carlos Eduardo tem 24%, Rogério Marinho, 17%; Rafael Motta 5% e Jean-Paul, 4%. *Tribuna do Norte*, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220331215900/https://tribunadonorte.com.br/noticia/tn-ipespe-senado-carlos-eduardo-tem-24-roga-rio-marinho-17-rafael-motta-5-e-jean-paul-4/535350>

Recebido: 18 dez. 2022.

Aceito: 22 jan. 2024.